

MÉTODOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA

Ericlen Rodrigues

Prof^a. Orientadora: Nathalia Barbosa Limeira

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

MARINGÁ

2015

RESUMO

O presente estudo tem por finalidade realizar, ainda que de forma breve, uma abordagem teórica acerca do atual contexto em que se encontra o ensino e aprendizagem da Filosofia no ensino médio, discorrendo de que modo ele se mostra ineficaz na formação do ser humano pensador e questionador e, através dessa análise, apresentar e sugerir métodos didáticos que, embora simples, possam melhorar a compreensão e a adesão do pensamento e atitude filosóficos por parte dos alunos, uma vez que, vale ressaltar, a visão crítica e racional proporcionadas pela disciplina de Filosofia é de extrema importância para a boa formação do cidadão.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Ensino. Aprendizagem. Métodos didáticos.

1 INTRODUÇÃO

A relação de ensino e aprendizagem na atual conjuntura da educação pública brasileira ainda se mantém pautada sob o paradigma de uma metodologia de ensino, que de forma geral, se estabelece através do mecanismo da explicação, onde o professor se posiciona na frente de um conjunto de alunos e lhes transmite diversas informações acerca da sua área de especialização, restando-lhes a função de absorver essas informações para, depois, serem avaliados.

Diante desse quadro, o conteúdo do presente estudo se concentra no ensino e aprendizagem da Filosofia, visto que, não desmerecendo nenhuma outra área, a Filosofia é um campo do saber que necessita ir além do modelo de ensino obsoleto vigente nas escolas públicas para alcançar seu objetivo com os estudantes, ou seja, transformá-los em indivíduos questionadores e críticos diante de uma realidade tão marcada pela manipulação midiática, pela corrupção, pelo consumismo exacerbado, pela alienação e pelas falácias.

Nesse sentido, Pinto e Santos (2013, p. 134-135), pontuam que,

Tratando-se especificamente da aprendizagem em Filosofia, entendemos a urgência de uma reflexão, no mínimo, elaborada que, para nós, não se esgota na aquisição dos conteúdos da história do pensamento humano, mas que pretende alcançar a própria experiência filosófica do pensar, uma experiência que excede os conhecimentos históricos. Sendo assim, a metodologia tradicional de ensino, compreendida na prática da *ordem explicadora*, se constitui como um problema em termos de formação filosófica.

O principal objetivo deste estudo é, portanto, descrever o atual contexto em que se encontra o ensino e aprendizagem da Filosofia no ensino médio, discorrendo de que modo ele se mostra ineficaz na formação do ser humano pensador e questionador e, através dessa análise, apresentar e sugerir métodos didáticos que, embora simples, possam melhorar a compreensão e a adesão do

pensamento e atitude filosóficos por parte dos alunos do ensino médio, abordando-os com temas de Filosofia que despertem o seu interesse, evitando que o professor fique imerso apenas nos limites da própria história da Filosofia.

O trabalho começará abordando o conceito de Filosofia, no intento de situar brevemente o leitor, caso necessário, sobre o que consiste basicamente a Filosofia. Em seguida será descrito um sucinto histórico da Filosofia no Brasil, compreendendo desde a sua retirada da grade curricular do ensino médio, na época da ditadura militar, até o seu retorno. Adiante, será explanado qual o atual contexto do ensino da Filosofia no Brasil, evidenciando algumas das suas dificuldades mais latentes. O próximo tópico abordará um pouco do que diz os documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais e Orientações Curriculares Nacionais) a respeito do ensino da Filosofia no ensino médio do Brasil. Então, serão apresentadas algumas sugestões de didáticas que, espera-se, poderão auxiliar no ensino e aprendizagem da Filosofia, sendo este tópico o objetivo principal deste estudo. Depois serão apresentados o tipo de metodologia, de pesquisa e os materiais utilizados na elaboração do estudo. E por fim, serão feitas as considerações finais.

2 O CONCEITO DE FILOSOFIA

A Filosofia nasceu na Grécia Antiga no século 6 a.C., como um meio de buscar conhecimentos diferentes daqueles apresentados pela mitologia, numa época em que a religião explicava desde os fenômenos da natureza até os fatos do cotidiano. A palavra Filosofia, vem do grego *filos* (amor ou amigo) e *sofia* (conhecimento, sabedoria, verdade), e é geralmente traduzida como "amigo da sabedoria" ou "amor ao conhecimento".

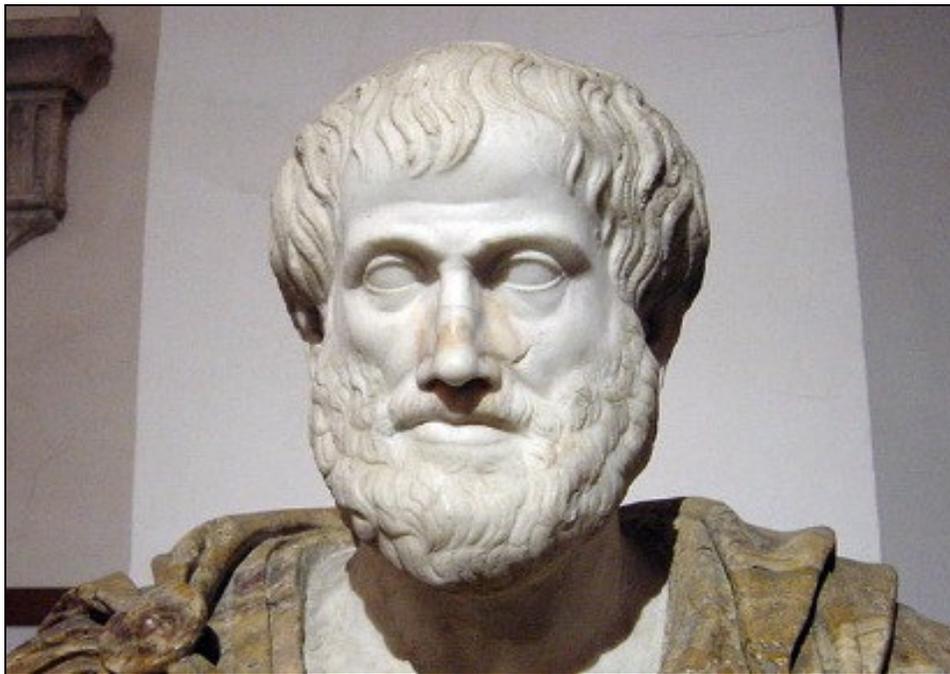
Mendes *et al* (2006) afirmam que o nascimento da Filosofia pode ser entendido como o surgimento de uma nova ordem do pensamento, complementar ao mito, que era a forma de pensar dos gregos. A narrativa mítica é uma genealogia da origem das coisas a partir de lutas e alianças entre as forças que regem o universo. Para os mesmos autores (2006, p. 20), a Filosofia, por outro lado,

[...] trata de problematizar o porquê das coisas de maneira universal, isto é, na sua totalidade. Buscando estruturar explicações para a origem de tudo nos elementos naturais e primordiais (água, fogo, terra e ar) por meio de combinações e movimentos. Enquanto o mito está no campo do fantástico e do maravilhoso, a filosofia não admite contradição, exige lógica e coerência racional e a autoridade destes conceitos não advém do narrador como no mito, mas da razão humana, natural em todos os homens.

Antes do surgimento da ciência tal como configura-se hoje, a Filosofia foi a única forma de conhecimento no mundo, propondo explicações de forma geral, um pouco sobre tudo.

Pode-se mencionar como exemplo Aristóteles (384-322 a.C.), que era filósofo, médico, biólogo, matemático e astrônomo. A respeito deste importante filósofo, Paul Strathern (1997, p. 7) diz: “sabe-se que escreveu acerca de tudo, do formato das conchas do mar à esterilidade, de especulações sobre a natureza da alma à meteorologia, poesia, arte e até mesmo sobre interpretação de sonhos”.

FIGURA 1 – ARISTÓTELES DE ESTAGIRA – 384 a.C. – 322 a.C.



FONTE: Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/aristoteles-307025.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

Foi somente a partir de do século XVII, por conta de cientistas como Galileu Galilei que a Filosofia começou a se fragmentar. De acordo com essa nova perspectiva, era especializando-se em uma parte do conhecimento que se aproximava mais da verdade.

Com o passar dos séculos o atual panorama do mundo fez com que a Filosofia fosse se distanciando da vida do homem moderno, adquirindo status, pelo senso comum, de área estritamente teórica, confinada a circular apenas nos meios elitizados de intelectuais, eruditos e acadêmicos, sendo considerada completamente vazia de aplicação prática no cotidiano do mundo moderno, que é caracterizado por processos globalizados, aperfeiçoamento das tecnologias, e busca pela eficiência produtiva orientada pela dinamicidade do mercado.

Obviamente, esta é uma concepção equivocada e estereotipada, uma vez que, a Filosofia consiste numa eficiente ferramenta para o desenvolvimento do pensar, do refletir e do raciocinar, despertando o senso crítico e auxiliando na construção e no posicionamento de uma visão mais ampla do mundo.

3 HISTÓRICO DA FILOSOFIA NO BRASIL

No Brasil, a Filosofia foi introduzida na sociedade como uma disciplina obrigatória no ensino médio. No entanto, devido às suas reais especificidades, ela foi sendo lentamente afastada e oficialmente banida da grade curricular durante o período da ditadura militar (1964-1985). É possível inferir que o motivo da exclusão da Filosofia – e da sociologia – no ensino médio seja o fato de que ela proporcione aos cidadãos uma visão mais crítica e menos alienada do mundo, o qual certamente não seria conveniente para os dirigentes do país no período em questão.

Fávero *et al* (2004) explicam que, o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96), determina que, ao final do ensino médio, todo estudante deverá “dominar os conhecimentos de Filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Este foi um avanço significativo para a presença da Filosofia nesse nível de ensino, considerando que em 1961 (com a Lei n. 4.024/61), esta disciplina deixa de ser obrigatória e, a partir de 1971 (com a Lei n. 5.692/71), época do regime militar, ela praticamente desaparece das escolas.

Os mesmos autores (2004) destacam uma situação passada que figura essa resistência dos dominantes em incluir a Filosofia e a Sociologia na grade curricular: por cerca de três anos tramitou na Câmara e no Senado Federal um projeto de lei complementar que instituíria a obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia nos currículos do ensino médio. Após aprovação nestas duas instâncias do Poder Legislativo Federal, o projeto foi vetado em outubro de 2001 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Os argumentos que sustentaram o veto foram basicamente dois: a inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia implicaria incremento orçamentário impossível de ser arcado pelos estados e municípios; e não haveria suficientes professores formados para fazer frente às novas exigências da obrigatoriedade da disciplina.

No entanto, ao analisar criticamente esses argumentos, percebe-se que são falaciosos, pois a inclusão das novas disciplinas não implicaria necessariamente no aumento orçamentário, já que o que estava em jogo era um remanejamento da carga horária curricular e não seu aumento. E já existia um número significativo de pessoas já formadas, e a presença disciplinar da Filosofia na

grade curricular tenderia a aumentar o interesse das pessoas e das instituições por uma formação mais adequada.

No sentido dos contra-argumentos supracitados, em 2003 houve uma audiência pública sobre a volta da Filosofia e da Sociologia ao currículo do ensino médio, contando com o apoio do Ministério da Educação. Em suma, os argumentos apresentados foram:

A inclusão da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio é uma medida necessária para a consolidação dos objetivos e finalidades da educação básica. Tal medida fundamenta-se no entendimento de que a Filosofia e a Sociologia possuem estatutos próprios e, enquanto disciplinas, são análogas a qualquer outra, com saberes, corpo teórico, lógicas internas, técnicas e terminologias específicos. Delas, os alunos têm muito que aprender e assimilar. A defesa da inclusão da Filosofia e da Sociologia no currículo não é recente. E, da mesma forma que se evidencia o escândalo teórico e político da sua retirada do núcleo comum do currículo (recorde-se a Lei n. 5.692, de agosto de 1971, que tenta, de forma ilegítima, substituir a Filosofia e a Sociologia introduzindo, respectivamente, as disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil), também se percebe a correlação de seu ensino com o avanço do processo democrático, tornando-se imperativo restaurar um pensamento crítico em educação. Compreende-se que seja assim, pois não há propriamente ofício filosófico (nem sociológico, *mutatis mutandis*) sem sujeitos democráticos e não há como atuar no campo político e cultural, consolidar a democracia, quando se perde o direito de pensar, a capacidade de discernimento, o uso autônomo da razão. Quem pensa opõe resistência (BRASIL, 2003, p. 2-3).

Então, com a promulgação da Lei 11.684/2008, a disciplina de Filosofia finalmente se tornou obrigatória na grade curricular das escolas de ensino médio do Brasil.

Contudo, após o retorno da Filosofia, surge um novo desafio: o de se encontrar professores capacitados para lecioná-la. Uma das tentativas para solucionar este problema foi direcionar professores de áreas diferentes para ministrarem aulas de Filosofia. No entanto, pelo fato de, naturalmente, não possuírem a capacidade e o conhecimento exigidos de um professor de Filosofia para lecioná-la, os professores de outras disciplinas que assumiram as aulas introduziram para os alunos uma forma inadequada, superficial ou até mesmo tola dessa disciplina, gerando assim um impacto negativo nos alunos, dificultando cada vez mais a aprendizagem e a permanência da Filosofia na grade curricular do ensino médio.

4 ENSINO E APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA: O CONTEXTO ATUAL

A prática mais comum de ensino nos âmbitos escolares brasileiros se sustenta na forma da transmissão e reprodução dos conhecimentos historicamente acumulados. De forma geral, esta prática limita-se à ideia de que a transmissão do conteúdo, realizada pelo professor, e a assimilação do mesmo pelo estudante é suficiente para suprir o objetivo da aprendizagem, o que, diante da realidade do pensamento filosófico confirma certa carência.

Desse modo, a simples inserção de informações prontas aos alunos, desconsiderando o contexto em que estão inseridos, não é o suficiente para promover a aprendizagem filosófica da Filosofia, mas apenas para fornecer conhecimentos abstratos sobre sua história.

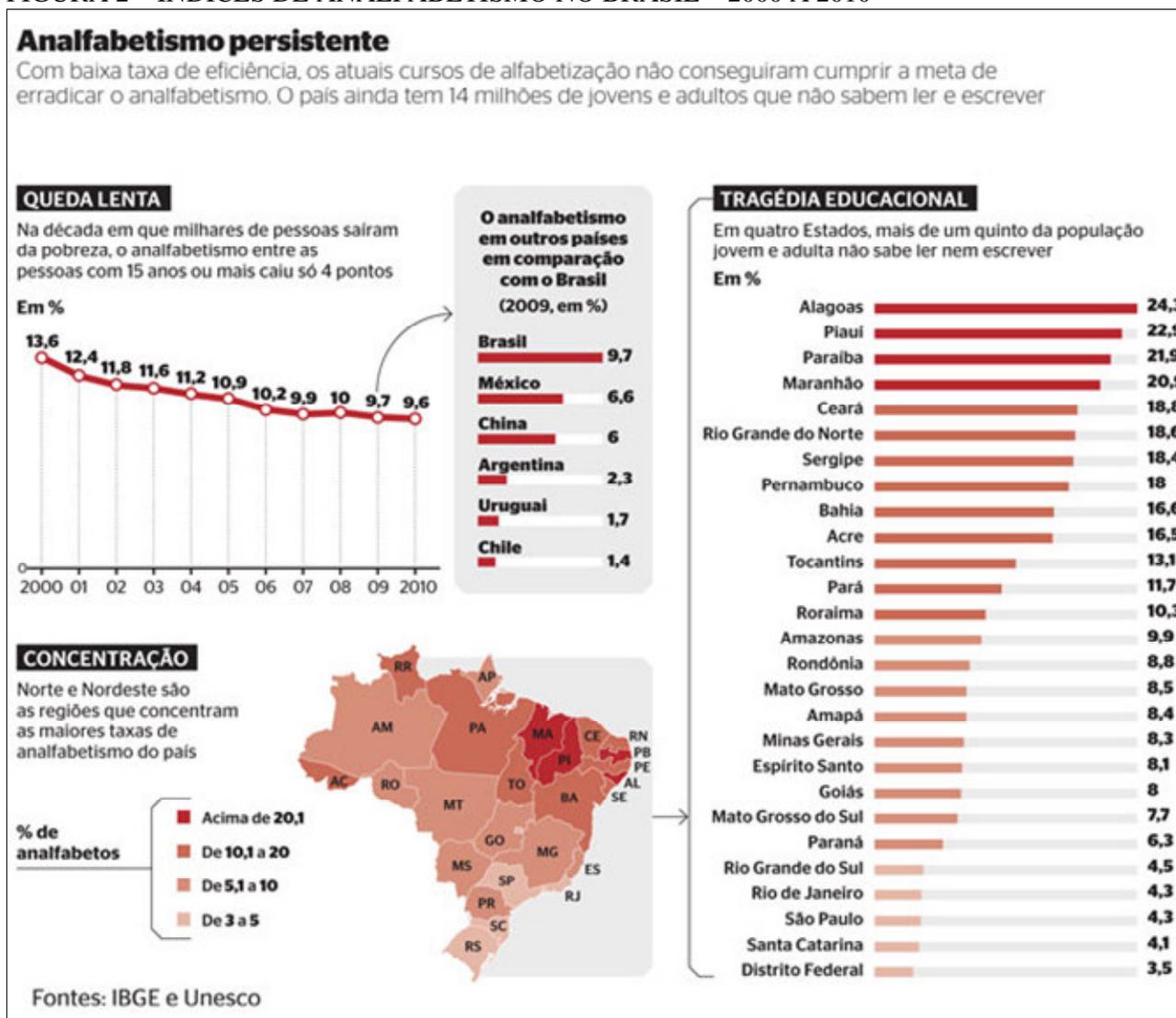
O ensino de Filosofia, neste caso, torna-se um sistema de reprodução mecânica dos conteúdos. Produz, de acordo com Gelamo (2009, p. 114),

[...] uma imagem distorcida do pensamento filosófico e do filosofar, transmitindo ao aluno não muito mais do que “fórmulas filosóficas” que passam a se constituir em modelos a serem aplicados na resolução de qualquer questão: tal como se utiliza a fórmula matemática para solucionar uma equação cotidiana, as “fórmulas filosóficas” apresentam-se como modelos a se imitar para pensar criticamente as situações com as quais o aluno depara.

Não obstante, a deficiência no ensino brasileiro não se restringe apenas ao campo da Filosofia. Claramente, existe uma grande defasagem na educação pública brasileira de forma generalizada.

A figura 2 mostra alguns gráficos que evidenciam a situação de baixo investimento na educação no Brasil, apresentando a ínfima evolução no processo de erradicação do analfabetismo no período que compreende de 2000 a 2010.

FIGURA 2 – ÍNDICES DE ANALFABETISMO NO BRASIL – 2000 A 2010



FONTE: Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT258832-15223-258832-3934,00.html>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

Conforme mostram os gráficos, devido à baixa taxa de eficiência, os atuais sistemas de alfabetização não conseguem cumprir a meta de erradicar o analfabetismo no Brasil. Neste período, o país ainda possuía 14 milhões de jovens e adultos que não sabiam ler e escrever, o que evidencia a dificuldade ainda mais latente em educar para o ato de filosofar.

Nos anos 50, quando o prêmio Nobel de Física Richard Feynman (1918-1988) esteve no Brasil, ficou assombrado com o que se deparou. Ao tomar contato com estudantes às vésperas do vestibular, espantaram-no tanto o pendor local pela decoreba de fórmulas como a completa ignorância sobre seu significado. Anos mais tarde, registraria em seus escritos aquilo que entendeu como um paradoxo brasileiro: entre os estudantes do mundo inteiro, os jovens que conheceu nos

trópicos eram os que mais se debruçavam sobre a física e os que menos sabiam sobre a matéria (BETTI, BARRUCHO e BRASIL, *online*, 2011).

No entanto, para a Filosofia, essa condição observada por Feynman ainda nos idos anos 50 – e assustadoramente tão atual –, de decoreba de informações com a completa ignorância sobre o seu significado, mostra-se ainda mais sensível. O simples ato de decorar algumas informações – para logo após, naturalmente, deixá-las cair no esquecimento – e a recepção superficial de conhecimentos, torna impossível a verdadeira aplicação da Filosofia. Os dados tornam-se inúteis, uma vez que, a essência filosófica está no desenvolvimento intelectual crítico e reflexivo, e para tanto, o indivíduo deve aprender a filosofar, não no sentido de se tornar um filósofo acadêmico por profissão, mas “simplesmente” no ato de aprender a pensar mais profundamente.

4 ENSINO DA FILOSOFIA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS

Após a promulgação da Lei 11.684/2008, a disciplina de Filosofia se tornou obrigatória na grade curricular das escolas do ensino médio do Brasil. Esse fato trouxe novas questões de cunho pedagógico aos pesquisadores do ensino de Filosofia.

É salutar e interessante ressaltar certa particularidade desta disciplina que normalmente não é percebida nas outras áreas do saber, que é a necessidade da interrogação sobre si mesma, um filosofar a Filosofia.

Encontra-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio/Ciências Humanas e suas Tecnologias a seguinte premissa:

[...] o aluno do Ensino Médio faz perguntas a respeito da ‘utilidade’ da Filosofia. Aquém disso, no entanto, a questão mais elementar é a qual retorna com particular insistência (talvez porque a mais intrigante) é: ‘o que é Filosofia?’ Naturalmente que também não é mero acaso que o professor de Filosofia tenha, em geral, dificuldades em respondê-la satisfatoriamente, suposto que ele não se limite a repetir essa ou aquela definição mais ou menos clássica. Na verdade, o que é Filosofia constitui-se, hoje, mais do que nunca, num problema filosófico. (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio/Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2000, p. 46)

O questionamento e a busca da conceituação de determinada área do saber sobre ela própria não é típico. A questão “o que é Física?” não é um problema físico, assim como a questão “o que é Química?” não é um problema químico, e assim por diante. No entanto, a questão “o que é Filosofia?” é um problema tipicamente filosófico. E é filosoficamente que o professor de Filosofia deve encarar esta questão.

E a resposta a esta pergunta sempre dependerá da opção do professor por um determinado modo de filosofar, pautado no que ele considera justificado, através da sua perspectiva do mundo. É claro que, para que isso ocorra, o professor deve buscar um arcabouço de conhecimentos e refletir sobre eles, e não simplesmente forçar sua visão de mundo de modo inteiramente subjetivo.

Vale ressaltar que a aula de Filosofia não se resume à simples transmissão e recepção de informações, mas muito mais que isso, fazer a Filosofia acontecer na própria aula, permitindo e instigando que as aulas sejam dialéticas.

Nesse sentido, nas PCN/Filosofia encontra-se o seguinte:

Em suma, a resposta que cada professor de Filosofia do Ensino Médio dá à pergunta (b) 'que filosofia' decorre, naturalmente, da opção por um modo determinado de filosofar que ele considera justificado. Aliás, é fundamental para esta proposta que ele tenha feito sua escolha categorial e axiológica, a partir da qual lê e entende o mundo, pensa e ensina. Caso contrário, além de esvaziar sua credibilidade como professor de Filosofia, faltar-lhe-á um padrão, um fundamento, a partir do qual possa encetar qualquer esboço de crítica (PCN/Filosofia, p. 48 *apud* DANELON, 2010, p. 112).

Os documentos oficiais sinalizam para o dever que o professor tem de construir sua identidade enquanto agente que detém e atua dentro de um saber sistematizado historicamente. A identidade da Filosofia fica, nesse caso, dependente da própria construção da identidade do professor de Filosofia.

5 MÉTODOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA FILOSOFIA

Método é um caminho pelo qual se atinge um objetivo, e na maioria das vezes é algo particular. No entanto, pode-se articular e expressar um método, saindo do particular para o universal, de forma a aconselhar, orientar e, principalmente, inspirar outros profissionais.

Os procedimentos que determinada pessoa desenvolveu, visando deixar seu trabalho mais fácil e mais eficiente podem, igualmente, otimizar o trabalho semelhante de outra, ou, no mínimo, servir de base para criar outros métodos de acordo com suas peculiaridades.

A seguir serão apresentados alguns métodos para o ensino da Filosofia que, embora simples, propõe melhorar o ato do despertar os alunos para o pensar filosófico.

5.1 NÃO ENSINAR APENAS “HISTÓRIA DA FILOSOFIA”

Conforme foi levantado no tópico “HISTÓRICO DA FILOSOFIA NO BRASIL”, pelo fato de, naturalmente, os professores de outras disciplinas que assumiram as aulas de Filosofia não possuírem a capacidade e o conhecimento exigidos de um professor de Filosofia, as aulas dessa disciplina foram introduzidas de uma forma inadequada, superficial ou até mesmo tola, gerando assim um impacto negativo nos alunos, dificultando cada vez mais a aprendizagem e a permanência da Filosofia na grade curricular do ensino médio.

No entanto, seria injusto “culpar” apenas os professores não licenciados em Filosofia por esta clara dificuldade. Muitos dos, oficialmente, professores de Filosofia apresentam o mesmo problema.

Diante do exposto, Tiburi (*online*, 2013) expõe que, o professor que vem de uma má formação e pensa que Filosofia é um conteúdo histórico, precisa rever seus conceitos. Os professores deveriam ser reeducados no sentido de fazerem da aula uma obra filosófica prática. A história da Filosofia é, quando lançada sobre pessoas em geral, jovens ou não, o tipo da erudição inútil que pouco ou nada contribui para a formação da subjetividade, assim como acontece também com a história em geral quando desconectada com o tempo presente. A história da Filosofia deve ajudar o professor como elemento de diálogo quando ela puder oferecer elementos que enriqueçam a experiência da sala de aula. A história da Filosofia não é um fim em si da Filosofia.

O ideal da Filosofia como perspectiva história é que se configure numa forma de análise crítica do passado sob a consideração de uma meticulosa conceituação do passado. Ainda mais que isso, ela precisa ser um diálogo de tudo o que pode significar “atualidade do pensamento” com o passado.

É salutar considerar que, de forma alguma, isso significa excluir o ensino da história da Filosofia. O seu ensino é, na verdade, necessário. A crítica aqui cabe à forma como a Filosofia é transmitida (ou não transmitida). A Filosofia é bastante diferente da história da Filosofia. Diante disso, Tiburi (*online*, 2013) salienta que:

Dizer, portanto, da diferença entre filosofia e história da filosofia não é sinalizar um abismo entre o tempo passado e o tempo presente, ou um combate à tradição, nem, muito menos, quer dizer que a filosofia deve ficar longe de sua própria história, ou separada dela como de algo nocivo, que lhe fizesse mal. O contrário é que tem sido feito, sobretudo na ideologia conservadora brasileira de que “filosofia é história da filosofia”, infelizmente professada por alguns professores que esqueceram que a ditadura já acabou. Seria fundamentalismo ou ignorância postular uma origem absoluta da filosofia no tempo presente de qualquer consciência tanto quanto numa história passada que desconhece o presente, e seu próprio dever. A filosofia longe de sua história não é, de antemão, nenhuma garantia de filosofia.

[...] A escolha por uma filosofia como História da Filosofia se tratada com pouco cuidado pode ser a própria aniquilação da filosofia.

Então, o que seria uma possível solução para esta problemática? Bem, deve-se considerar que, quando o homem propõe-se a filosofar, busca compreender as coisas que o cercam. Esse é, basicamente, o ato de filosofar. Assim, é interessante que no ensino da Filosofia sempre ocorra um diálogo da realidade que cerca os alunos com as várias perspectivas dos diferentes filósofos no decorrer da história, sempre procurando conceituar com cuidado as diversas épocas em que foi postulada cada ideia.

5.2 ESCOLHER COM OS ALUNOS OS TEMAS QUE SERÃO ABORDADOS

É comum que o professor, seja de qualquer disciplina, siga uma espécie de roteiro, um cronograma, um plano de aula com todas as temáticas pré-estabelecidas a serem abordadas nas aulas no decorrer de cada ano letivo. Os próprios livros didáticos fornecem este parâmetro.

Não obstante, no decorrer das aulas é muito possível (e provável) que os alunos se deparem com temáticas que não lhe agradam, seja pelo teor de difícil compreensão ou pela forma monótona e “empurrada” que a matéria é transmitida. Na maioria das vezes as duas situações ocorrem juntas.

Diante desse panorama, uma sugestão para melhorar essa realidade é que o professor faça com que os alunos sintam-se livres para construir, juntamente com ele, um quadro geral dos assuntos e temas que eles mais se interessam.

Os alunos devem ser chamados a contribuir escolhendo os temas que serão trabalhados durante o ano. Assim aprenderão a projetar seus desejos de saber no espaço público e a responsabilizar-se com o que escolhem. E, sobretudo, se interessarão pelo conteúdo, uma vez que o conteúdo foi construído em grande medida por eles mesmos (TIBURI, *online*, 2013).

Isso não significa que o livro didático deva ser “jogado no lixo”. Seu conteúdo ainda será de grande valia, mesmo porque, os assuntos escolhidos serão mais abertos e adaptados aos interesses dos alunos, mas ainda sim dentro da esfera da Filosofia.

5.3 TRABALHAR COM RECURSOS DIDÁTICOS DIFERENCIADOS

O mais habitual nas aulas de Filosofia, assim como nas outras disciplinas, é que a aula proceda de forma expositiva, com o professor fazendo o uso do quadro negro, livro e explicação falada, como principais recursos.

Mas, mesmo sendo o método mais tradicional de ensino, não há como não admitir a grande possibilidade de que as aulas se tornem enfadonhas e cansativas. No caso da Filosofia, devido ao seu nível de complexidade e abstração, essa situação se intensifica, dificultando consideravelmente a concentração, compreensão e assimilação do conteúdo pelos estudantes.

Desse modo, o uso de recursos didáticos diferentes, muitas vezes lúdicos, pode ser uma alternativa para despertar o interesse dos alunos e facilitar assimilação do conteúdo.

Pode-se recorrer ao uso, por exemplo: de filmes, de músicas, de artes visuais, de teatro e de todos os materiais que podem ser encontrados na internet. Inclusive, o site da Secretaria da Educação do Paraná disponibiliza diversos recursos didáticos para o ensino da Filosofia, incluindo animações, áudios, imagens, jogos e curiosidades (o endereço eletrônico para acesso à esta página é: <http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156>).

FIGURA 3 – SITE DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Nossa Equipe | Fale conosco

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

ALUNOS | **EDUCADORES** | **GESTÃO ESCOLAR** | **COMUNIDADE**

Dia a Dia Educação

Calendário Escolar 2015

Filosofia e Cinema

Filosofia e Leitura

Gabaritando Enem

Hora Atividade Interativa

Recursos de Formação

Recursos Didáticos

Sala de Aula

Busca Educação

- Filosofia | palavra-chave | Buscar

Recursos Didáticos

ABNT
Geradores *on-line* de normas técnicas

Eureka
Apostila de Filosofia do programa

OAC
Objeto de Aprendizagem Colaborativa

Animações
Filmes de animação para o trabalho em sala de aula

Folhas
Consulta aos Folhas publicados

O Tema É:
Histórico de temas atuais e interdisciplinares

Antologia
Acesse a Antologia de Textos Filosóficos

Fotografia
Álbuns de fotos produzidas pela coordenação Multimeios

Portal do Professor
Página do MEC com recursos para o professor

Apresentações
Slides com conteúdos de Filosofia

Hinos
Hinos e curiosidades relacionadas

Práticas TV Multimídia
Consulta às práticas com o uso da TV Multimídia

Artigos
Artigos, teses, dissertações e monografias para consulta

Imagens
Imagens relacionadas à disciplina de Filosofia

Produções PDE
Acesse as produções dos professores participantes

Áudios
Sons relacionados à disciplina de Filosofia

Infográficos
Acesse infográficos relacionados à Filosofia

Rádios
Lista com rádios do Paraná e de demais estados brasileiros

Bibliotecas
Bibliotecas do país e do mundo

Jogos
Acesse jogos *on-line* relacionados à Filosofia

Simuladores e Animações
Conteúdo interativo para acessar *on-line*

Cadernos Pedagógicos
Material didático-pedagógico produzido pela Seed

Jornais
Acesse jornais do Paraná e demais estados brasileiros

Tradutores On-line
Websites para tirar dúvidas sobre termos estrangeiros

Filosofia

FONTE: Disponível em: <http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156>. Acesso em: 12 maio 2015.

Gallo (*online*, 2011) confirma essa ideia ao dizer ser muito produtivo o recurso a filmes, músicas, contos, poemas e programas de televisão. O autor sugere que o professor possa passar um filme ou um trecho de um filme que coloque em questão a temática a ser abordada, discutindo em seguida de modo a mostrar a relação daquele tema com a vida dos estudantes. Ou pode fazer o mesmo usando um poema, uma música, algo que diga respeito ao universo cultural próprio dos estudantes.

Tiburi (*online*, 2013) complementa:

O professor pode aproveitar para introduzir elementos extra-ordinários (incomuns, desconhecidos) no processo. Por exemplo, ao falar de um tema inabitual como a própria adolescência, ele pode mostrar um filme em que o problema da adolescência está em jogo e partir daí para a filosofia política. Então ele pode usar algum trecho, parágrafo de um filósofo clássico para mostrar aos jovens que o problema da juventude é um problema político. O trabalho da filosofia em sala de aula precisa do auxílio das outras disciplinas, das outras matérias. Pode se produzir muito mais “experiência de pensamento” com um jovem usando a pichação que ele vê nas ruas, do que um livro da biblioteca. Depois que ele perceber que a pichação é uma escrita, talvez ele possa perceber que nos livros acontece algo parecido.

É claro que se deve ter em mente que a utilização de qualquer desses recursos didáticos não resolve os problemas no processo de ensino/aprendizagem por si só, mas pode ser um material que se bem organizado e trabalhado pelo professor, pode contribuir para resultados bastante satisfatórios. Desenvolver um olhar crítico diante dos díspares recursos audiovisuais que permeiam a sociedade é um desafio para o próprio professor, antes mesmo de aplicar tais métodos com os alunos.

5.4 ENFATIZAR O DIÁLOGO NAS AULAS

Num primeiro instante, a prática do diálogo em sala de aula pode remeter à ideia de negligência da aula, como se o professor se esquivasse do quadro negro e dos livros e os alunos, por sua vez, ficassem ociosos, sem copiar matéria ou ler e escrever “intermináveis” parágrafos.

Essa ideia é deveras equivocada, visto que o diálogo é a prática mais complexa e necessária da nossa época. E não somente numa sala de aula, mas em todo e qualquer ambiente onde existe a interação social. E para a Filosofia, o exercício do diálogo é mais que essencial, pois está na sua essência.

A presença do diálogo no processo de ensino e aprendizagem promove, para o aluno, a sistematização daquilo que compreendeu, ou seja, é argumentando sobre seu ponto de vista que irá certificar-se do que já conhece do assunto abordado. O professor, por sua vez, é capaz de evidenciar quais questões foram mais absorvidas pelos alunos e, caso isso não tenha ocorrido, pode indicar de que ponto é necessário partir, planejando novas estratégias.

Alrø e Skovsmose (2006, p. 123) tratam o diálogo como um processo de partilha e incentivo à investigação. Dessa maneira, quando se inicia um diálogo, não se devem predeterminar os resultados a alcançar, mas, sim, algumas intenções, bem como a certeza de que a troca e a

curiosidade conduzirão ao caminho a percorrer (e às construções a serem realizadas), uma vez que o processo de investigação não tem fim.

E deve-se considerar que o diálogo permite melhorar a interação dos alunos em sala. O ato de discutir, de explanar o ponto de vista, de questionar, de aludir e de entrar em contato com a mente do outro é, convenha-se, muito mais prazeroso que o simples ato de ler e escrever exaustivamente.

Mais uma vez toma-se o cuidado de evidenciar que não se pretende desmerecer as atividades escritas. Elas são muito importantes para o desenvolvimento da leitura e da escrita, e servem como recurso para lembrar mais facilmente o conteúdo, uma vez que fica registrado para consultas futuras.

O diálogo é o exercício da troca de ideias, conceitos, palavras e noções. E mais que isso, quando bem orientado, é uma ferramenta para que se chegue à percepção da responsabilidade de tudo o que se diz e faz. O verdadeiro diálogo é, em verdade, uma das grandes contribuições da Filosofia para a humanidade.

6 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada na elaboração deste estudo foi o ensaio teórico, pois consistiu numa exposição lógica e reflexiva do tema abordado, com aparente interpretação e defesa da posição do autor, sem pautar-se rigorosa e objetivamente em documentação empírica.

O estudo foi realizado pelo método de pesquisa qualitativa, uma vez que a pesquisa foi feita de modo indutivo, isto é, pelo desenvolvimento de conceitos, ideias e percepções do autor a partir do conteúdo dos materiais utilizados. A respeito deste método Gerhardt e Silveira (2009) explicam que, os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificando os valores e as trocas simbólicas nem se submetendo à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Os materiais utilizados na pesquisa abrangeram: livros, artigos científicos e matérias publicadas na internet.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo no ensino da Filosofia está em permitir, auxiliar e desenvolver no aluno o “pensar por si próprio”, ou seja, o pensamento autônomo, revestido de reflexividade, criticidade, criatividade e contextualização.

Não obstante, conforme coloca Lorieri (2002, p. 93-94), o pensar é fundamental para a vida humana,

Necessário para todos, mas possível de não acontecer: há que cuidar para que ele aconteça. Há que haver esforços que ajudem em sua realização. Pois “*homens que não pensam são como sonâmbulos*”. E esses homens que não pensam perdem a habilidade de conhecer, porque perdem a “capacidade de formular todas as questões respondíveis”, que são as que fazem acontecer o conhecimento. E isso porque perderam a capacidade de formular as questões irrespondíveis, isto é, a habilidade de pensar.

Essas características do “aprender a pensar” merecem atenção especial do professor, especialmente do professor de Filosofia. Este deve intervir de maneira pedagogicamente correta no seu desenvolvimento, inovando e buscando formas de proporcionar condições propícias para articular a vontade do desenvolvimento intelectual por parte do aluno, embora se reconheça que esta não seja tarefa das mais fáceis.

Muitas são as dificuldades para o ensino da Filosofia (infelizmente, não somente da Filosofia) no Brasil: alunos que passaram por um ensino fundamental – a base – precário e, portanto, com poucas condições de aprofundamento nos conteúdos; professores desmotivados por conta da administração pública do país; e professores não licenciados em Filosofia lecionando a disciplina de forma superficial e não condizente com o seu real objetivo.

Diante desse quadro, é necessário que algumas formas alternativas de métodos didáticos sejam melhoradas e/ou desenvolvidas, visando conseguir a real atenção e participação dos estudantes.

Alguns métodos foram sugeridos neste trabalho, como: “não ensinar apenas ‘história da Filosofia’”, uma vez que manter-se muito afastado da realidade dos alunos torna a aula enfadonha e de difícil compreensão; “escolher com os alunos os temas que serão abordados”, pois será mais fácil eles aderirem a assuntos que lhe são mais interessantes; “trabalhar com recursos didáticos diferenciados”, objetivando deixar a aula mais envolvente e divertida; e “ênfatar o diálogo nas aulas”, motivando os alunos a participar das aulas, pensando e explanando seus pontos de vista.

Essas são apenas algumas simples propostas, e estão longe de esgotar o assunto. Muito pelo contrário, espera-se que este estudo possa de alguma forma contribuir para o surgimento de novas e melhores propostas, pois o pensar filosófico nunca pareceu tão necessário como nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ALRØ, Helle; SKOVSMOSE, Ole. **Diálogo e aprendizagem em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BETTI, Renata; BARRUCHO, Luís G.; BRASIL, Sandra. **Enem e o desastre do Ensino Médio brasileiro**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/enem-desastre-ensino-medio-brasileiro-646228.shtml>> Acesso em: 02 abr. 2015.

DANELON, Márcio. Ensino de filosofia e currículo: um olhar crítico aos parâmetros curriculares nacionais (ciências humanas e suas tecnologias e orientações curriculares para o ensino médio: filosofia), **Cadernos de História da Educação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 109-129, jan./jun. 2010.

GELAMO, Rodrigo Peloso. **O ensino de filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MENDES, Ademir Aparecido Pinhelli et al. **Filosofia: ensino médio**. 2 ed. Curitiba: SEED-PR, 2006.

FÁVERO, Altair Alberto et al. O ensino da Filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais, **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004.

FERRARI, Márcio. **Aristóteles**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/aristoteles-307025.shtml>> Acesso em: 03 maio 2015.

GALLO, Sílvio. **Chegou a hora da Filosofia**. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/116/artigo234074-1.asp>>. Acesso em: 12 maio 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000.

LORIERI, Marcos Antonio. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, Silmara Cristiane; SANTOS, Genivaldo de Souza. Experiência e aprendizagem no ensino de Filosofia. **São Paulo faz Escola**, Marília: UNESP, v. 6, n. 2, p. 133-147, 2013.

REVISTA ÉPOCA. **Por que o Brasil não consegue alfabetizá-la?**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT258832-15223-258832-3934,00.html>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Recursos didáticos**. Disponível em: <<http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156>>. Acesso em: 12 maio 2015.

STRATHERN, Paul. **Aristóteles em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

TIBURI, Marcia. **Ensino de Filosofia: método**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/03/ensino-de-filosofia-metodo/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

TIBURI, Marcia. **Sobre a utilidade e a inutilidade da história da filosofia para a filosofia e para a vida**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/03/sobre-a-utilidade-e-a-inutilidade-da-historia-da-filosofia-para-a-filosofia-e-para-a-vida/>>. Acesso em: 12 maio 2015.